

III

AÇORES, ATÉ MAIS VER!

## GRACIOSA, AQUI TE DEIXO

14 de Junho, a bordo

**P**ARA quem nada tinha que fazer, senão esperar, esperar..., os dias e as noites ainda mais cruelmente se alongavam pela imobilidade a que obrigava a falta de recursos de tratamento, com a surda inibição de ir procurá-los a outra ilha.

Agora, no fim do degrêdo, levar-me-ia o mesmo vapor *Lima*, hoje pela manhã anunciado para as cinco horas certas.

Com pequena demora no pôrto, seguiria para as Ilhas de Baixo que eu tinha grande desejo de avistar, embora

de relance, mesmo da vigia do camarote ou do convés do navio.

Para o embarcadouro, há pouco me conduziram os cuidados de novos amigos, tão solícitos, como se de longe viessem a ser cultivados os seus affectos. E àquela rumorosa ante-sala do Cais da Calheta me foram chegando alegres e tristes saudações da gente da vila de Santa Cruz, desde os operários aos doutores, dos mais pobres aos abastados.

Bem feitas as contas dos dias perdidos, três meses foram correndo sôbre a noite do desembarque no Cais da Negra, para a escuridão da Ilha e do meu destino, em tempo e espaço...

Na interminável cadeia dos que ali chegam e se ausentam, parece que a indiferença deveria ser a natural disposição dêstes povos, a quem muitos visitam por interêsse, poucos por gôsto e alguns com desgôsto. Para seguir carreira na vida ou fazer negócios de monta, vai um, outro vem, como ondas tão parecidas que nas pequenas dispa-

ridades quási se confundem, à luz da memória...

Assim, os que estavam e continuam fixados, por nascimento ou adopção, jamais poderiam prender-se de affectos a quantos por ali passam e nunca voltam. Para êstes adventícios, os íntimos amigos de ontem, lá impostos pela estreiteza do convívio e pela nossa instintiva necessidade de desabafar, com os anos passarão a ser pouco menos do que mortos por fatal esquecimento.

Os continentais vêm à Ilha uma vez, e a Ilha com alegre sorriso a todos vê chegar, já açodados na pressa e desejo de partir.

Por isso, também na memória dos que ficam, as abaladas se confundem, umas com outras. Se há mágoa no íntimo abraço, sempre ela se adoça com a esperança de quem haja de vir preencher a vaga aberta na vista e na convivência...

Na contínua sucessão dos que nela entraram e pela primeira porta saíram, era agora mais um a despedir-se no silên-

cio da tarde quieta, com ventos de asas abatidas, por favor abrandando nas águas a estrada do regresso a quem tão áspera fôra a arribada.

Chegava a térmo novo episódio na incerteza de uma vida de sonho sofrido que não poderá servir de inveja ou de proveitoso exemplo a ninguém; e de lá vêm crescendo novas saúdades que juntas a outras maiores e de mais longe, me turvam os olhos e afogam o coração. . .

Ali, *por hospícios alheios desterrado*, no meu lugar de honra, por castigo, outros também estiveram, e lá me nomearam alguns dêsses companheiros de infortúnio, em triste e obscura história. A fortuna que em condições de destino, me fizera parceiro do matador João de Lisboa, o primeiro deportado para as *ilhas de que Gonçalo Velho tem o cargo*, marca-me neste ano da Graça, a posição de cerra-fila na longa formatura de cinco séculos. . .

Por má-sina, poderá ela ainda destinar-se a outros que melhor julguem cum-

prir o dever nacional com sacrifício próprio e para proveito de conformados e prudentes cidadãos, sem lhes catar nem obrigar o reconhecimento.

Assim são as voltas da roda da vida. . .

De quem há pouco ali embarcava, nenhuma razão havia para ficarem saúdades. Mas agora, com certeza sei eu ter havido naquele momento uma pena, a pena minha, quando, ao ver-me liberto, me reconhecia cativo dos encantos daquela prisão florida, sem ter odiado a terra, inocente de culpa, nem a gente de bom ânimo que dia a dia fôra consolando a amargura de quem à fôrça viera conhecê-la.

E quando em Santa Cruz de mim já não haja lembrança, como de quantos na vila passaram por fatídica escala, ainda no íntimo da alma guardarei as recordações da boa índole e vivo sentimento da gente, a velada melancolia das casas, a ditosa e amarga serenidade desta hora de apartamento. . .

Só, na amurada, vejo lentamente afastar-se a terra, e ao longo dela me vou despedindo dos diálogos de confiança com seus penhascos e calhetas, pelas úmidas tardes do destêrro.

Descendo com brandura para o Mar, o Sol bem parece ir rebocando para o abismo o lânguido corpo da Ilha, a arder por colinas e outeiros em flamas de rosa e ouro. Enquanto a vista se dispersa pela vizinhança de negras escarpas, nestes instantes de reconhecimento final, de súbito se alevanta no céu a tôrre da matriz, e logo oiço no silêncio das águas, o brônzeo dobre do grande sino flamengo.

E por essa voz cristã, dentro de mim ressoam e estremezem aquelas suplicantes melodias, os cânticos lentos e adoçados por frescas vozes de raparigas, que sob as arcaturas da nave manuelina, tantas vezes a alma me inundaram de paz e consolação.

Por êsses coros de suave candura, julgo ter compreendido a funda religiosidade da alma açórica, fortalecendo-me na certeza de que só pela luz da fé será possível alcançar a paz do espírito, a verdadeira vida, para que a carne do corpo há-de adormecer em esperança...

(Para sinal da inconsistência das grandezas terrenas, a telefonia de bordo está gritando que as avançadas do exército alemão atravessaram hoje o Sena, a montante de Paris. Vai sofrer a França o mais duro castigo, a maior humilhação da sua vida histórica. Para nada lhe serviu a lição do outro sacrifício: desmoralizou-a a embriaguez da vitória. Alguma coisa de novo e de grave há-de passar-se na Europa. Talvez a civilização em que nascemos perca tôdas as virtudes, ficando só os defeitos e os vícios em triunfo para a dissolver em sanguinária barbaria).

Êste mar que tantas vezes eu vira enfurecido, a rolar e a erguer pêrfida-

mente alterosas ondas, continua brando na face, espelhado e remansoso por maravilha. Seria a pensar nêle, doido de ausência na América ou na África, que um filho da Ilha, a rever o Monte da Ajuda, haveria tecido com soluços a legenda da sua saúde:

*Graciosa é a minha terra:  
Ela lá, e eu aqui...  
Nossa Senhora me leve  
Para a terra onde nasci!*

De mais longe se vão agora desdobrando as colinas, ressurgem ermidas e cumes, passam nas fajãs casas enramadas, acolhidas na sombra das ladeiras; muito estendida adormece a vila da Praia, no céu se projecta e grava a Serra Branca, diluem-se em sombras os mortificados alcantís do Carapacho e seu ilhéu, meridionais recessos da terra que deixamos.

E quanto mais a Graciosa se transfigura em vulto informe, a perder-se nos

enublados clarões do crepúsculo, mais os seus recortes e acidentes teimam em se revelar e viver, à roxa luz da minha já saudável lembrança.

Adeus! Adeus!...

## DO PICO PARA O FAIAL

*15 de Junho*

**N**A manhã de hoje, por entre o áspero ruído do guindaste, a escarnecer e importunar dorminhocos, das Lajes se vê que o Sol já tirou ao Pico o seu capuz emplumado, e a descoberto ficaram, até à ponta que entra pelos arcanos do céu, aquelas suas negras ravinas, as rugas e feridas de eterna velhice.

Como inundação astral, polvilhada de oiro vivo, do Pico-Alto a luz roxa vai escorrendo para a cinta de nuvens que coroam as colinas da base, tôdas

estranhas e indecisas de rumo, sem saberm o que hão-de fazer de si próprias.

A bandeira de nuvens que flutua quasi sempre no cimo, como hálito da neve, a senhoriar Céu e Mar, passou agora a ser uma flâmula de gaze, transparente e etérea.

À raiz da Montanha, no plano que corre sempre, a subir, a subir das águas, entre verdura suave e discreta, está alvejando de graça matinal, a humilde póvoa de São João.

Visto dêste galarim, o cenário muda de instante a instante, ao caprichoso poder de fôrças mágicas e inquietas.

A subida do Sol vai afugentando os últimos panejamentos de neblina, e o grande cone vulcânico, amansado pelo tempo, sem fúria de chamas nem fogo de lavas, amostra-se neste dia em tôda a majestosa latitude de escarpas e arestas, desprezando, a mais de meio, a vegetação de arbustos que o cercam, a verde-negra espessura das faias e do incenso.

Nascem agora, ressurgem aqui, multiplicam-se além inesperados montes, ásperos de aspecto e de forma, alongando as searas de pedras por extensa esterilidade, bem longe daqueles currais de agricultura de brinquedo com que os cuidados dos camponeses suavizam e alegram a face da Graciosa.

No entretanto, desde a riba, a partir do assento do mosteiro de São Francisco e das casas da vila, a escalada da vista, vai descobrindo e louvando heróicos amanhos de terra de searas até ao alto das colinas, de onde não podia ser removida a rocha de basalto.

Mas a melhor herdade da gente do Pico começa no mar e não tem lindas, senão as dos temporais e as da morte. Compreende-se bem que os picotos voltam costas à terra, tão dura para a esperança do seu trabalho e tão ingrata para o seu amor.

Os olhos vão-se perdendo em arrebatados saltos, desde o castelo com sua ossada de rochedos, entontecidos pelas voltas do



moinho de vento, até à ponta por onde agora se estende a sorrir aquela doce aldeia de São-João. Daqui não se avista outra ilha do grupo central. Pela costa, alta em quasi tôda a linha, dispersa-se a vila das Lajes, em núcleos de casotas mal agrupadas, abrigando-se da serra e mirando-se no espelho do Atlântico, tesouro e perdição das famílias que as habitam.

Em melhor raio, tudo se vê e desdobra da ponte do leme, à festiva luz dêste Sol, a erguer-se do outro lado da Ilha, e a brincar febrilmente com errantes florescências que se desfolham em cintilações de mil côres.

Como se viéssemos convidados a presenciar as cerimónias de um grande rito cósmico, em honra de entronado gigante, um cortejo de nuvens flutua em avançadas para o vulto do Pico. Por invisíveis mãos se mudam os bastidores, e logo céu e mar ficam a jogar as escondidas, talvez para distrair e consolar o pobre rei da Criação que a Máquina vai destronando dos seus prestígios. . . Com as cicatrizes

do corpo revestidas e enfeitadas de cambraia, por sôbre um oceano de bulções, só o Pico se descobre a flutuar, nadando em ondas de nuvens que hoje não ousam nem querem afogá-lo.

Estranho espectáculo, uniforme e vário para admiração dos olhos, feiticeiro bailado de reflexos e aparições, palpitante mágica de quadros de surpresa, de que ninguém jamais poderá ver o último. . .

Alheados e quietos, de costas para a cena, os casais e lugarejos vão despertando indolentemente, enquanto das pedras das lareiras para os telhados se eleva o fumo da felicidade doméstica.

Com êle o Sol brinca e sorri, rasgando-o com deslumbramentos em vaporosas fitas, até o dissipar com suavidade na torrente dos seus fulgores.

Terra mais alta das lusitanas terras, mais bravo mar e mais turvado céu— aqui se admiram e fazem concêrto as maiores obras da Natureza que aos Portugueses couberam na herança do Mundo.

\*

Chegou a hora de levantar ferro, mais uma vez.

Pelas encostas, correm muito estendidas as cordas de faias, a abrigar de ventos salgados e dos temporais as culturas pobres e os gados. Vamos costeando a ilha, com destino ao Faial.

Contente por mostrar a sua terra a curioso que nunca a vira, um oficial piquense, de indicador em riste, vai fazendo surgir a meus olhos a Silveira, mais perto São-João, Terra do Pão, com o Monte do Pico a avultar sempre, e mais, e mais, a cada passo do caminho.

Subindo, subindo, continuamente êle vence a mira dos nossos olhos, até se engolfar e perder no mistério das alturas.

—Aqui agora é São-Mateus, prossegue a informar o alvorôço do meu guia.

E lá se amostra entre penhascos e verdura, a séria e contemplativa aldeia de seareiros e pescadores.

Nesta sucessão de póvoas marítimas, alevantam-se tôrres e campanários a emergir do casario, como bastiões da Fé a defender as almas da corrupção e a contê-las nas tentações do desespero.

Alguns milhafres à busca de migalhas ou de fôlego vivo, vão riscando no céu a negra órbita do seu desejo.

A terra que se vê, tôda agitada por ígneas convulsões de dorida lembrança, rãpidamente desce para o abraço e sepultura certa das águas.

Aos acréscimos da radiação do Sol, parece que as pedras recomeçam a tremular, agitadas pelo fogo dos abismos, a repetir a alagadora irrupção dos mistérios que tantas vezes sepultaram em bagaceira de basalto os leirões do povoamento, já risonhos e produtivos.

Mas, por estas paragens, tôda a admiração é sufragânea do Pico. Sempre presente aos que chegam ou partem, de longe ou de perto, o monte alevanta-se e cada vez mais, com desdém da nossa pequenez, para ir perder-se nos

mais distantes páramos de todos os céus de Portugal.

Algumas razões de maravilha havia para que na sua *Relação* Diogo Gomes lhe atribuisse sete léguas de altura, de sorte que já era noite nas povoações para os habitantes acenderem as candeias, enquanto o Sol ainda brilhava no cimo do monte (1).

Nuvens passam e passam, mais nuvens voltam, cercam-no, agora afogam-no, tecendo estranhos caprichos para o encantar, enquanto o seu vulto reaparece a impor domínio à nossa admiração sôbre todos os aspectos da Ilha.

Alevantam-se morouços, sucedem-se os mistérios, sinistras acumulações de escória e de lava, pequenos montes por onde se descobrem crateras, efémeros vulcõezinhos que parecem rebentos ou recém-nascidos filhos do Pico Grande.

---

(1) ... *quae nunc vocatur Ilha do Pico, quae insula est quidam mons septem leucarum altitudinis, sic quod inhabitantes modo multociens accendunt lumina putantes esse noctem, et vident solem in vertice montis...*

Outras nuvens turbilhonam, crescem e envolvem o Monte em tôda a altura, deixando-o agora cortado pela base na linha da vegetação arbórea.

Sacudindo por último a teimosa aparição e espreitando por bombordo e por estibordo, já ao longe avulta a nebulosa da Horta no sopé da serra azul do seu nascimento.

Enfim, vai crescendo à vista a Ilha do Faial, a contrastar agora com o verde-escuro das terras do Pico que lentamente vamos costeando.

As duas ilhas, em feliz vizinhança, florescem vivamente por êste mar espaldado, com reflexos de estanho fundido, em que a espuma tôda se desfolhou.

Afiguram-se caprichos da Natureza dentro de um lago de ciclopes, ficando sempre uma arrabalde da outra, para que, ao favor da distância, se pudesse aqui admirar a formosa-sem-senão...

Por êste Canal entramos em amorável e alegre convívio de novas terras, pois logo o Faial melhor começa a divisar-se em

pormenores, desde o Morro de Castelo Branco até ao Farol da Ribeirinha, das claras bandas do Norte. E defronte, afloram das águas os ilhéus da Madalena, baptizados por sugestão antropomórfica, de Ilhéu de Pé e Ilhéu Deitado, enquanto se vão desenhando pelas cumeadas da Ilha os brancos faróis, os verdes acidentes e a casaria multicor da velha cidade.

Como se da bruma estivesse agora nascendo, alonga-se por confusa distância a Ilha de São Jorge, toldada de mistério azul, e já navegamos de proa bem direita ao pôrto do nosso destino. Riba escarpada, alta, fecha a baía, formando abrigo à navegação. Dois cargueiros alemães ali fundeados, embandeiram em arco de côres gritantes, para festejar a rendição de Paris. Confirma-se então a notícia da derrota, com a entrega da França à discricção do vencedor, vindo os inocentes a pagar os erros e crimes dos aventureiros políticos, por século e meio de desvario da Inteligência e da Moral. Pobre França! Como nela se humilha a Romanidade!

Corta-se e azeda-se o leite da Loba, de que se nutriram em vinte séculos a Ordem, o Direito, a Hierarquia, a Honra da Espada, sob a santificante bênção da Igreja de Cristo.

Como há meses aconteceu à Polónia, será a Europa partilhada pelo Germanismo da Fôrça e pela Barbaria Moscovita, sua aliada?

Iremos entrar no mais trágico signo da vida histórica do Planeta?

.....

\*

A Horta aqui defronte se abre em prateados sorrisos de janelas e floridos jardins. Pelos telhados, saltitam agora errantes cintilações de vidraças, e muito pesam e avultam, como abscessos no semblante da velha cidade portuguesa, os compactos casarões das colónias estrangeiras que guardam e administram o cabo submarino.

Pela bandeira da República, muito içada nas eminências, vê-se que Portugal ainda impera nos telhados da Estação

Rádio-Naval e no Observatório Meteorológico. Queira Deus que por todos os séculos se prolongue esse domínio, e por poucos anos se veja desfaldar aquela feia e triste insígnia de guerra civil!

Aqui aportava um desconhecido que, sem companheiros nem guia aprazado, se dispunha a tentar até onde pudesse, o consagrado passeio de que muito falam as reportagens e os anúncios, com o motorista por encartado cicerone.

Mas a cercar-me discretamente, vinha algum murmúrio de aventura, e por honra dela ou por espontânea amabilidade dos ilhéus (nunca mais o poderei averiguar), abre-se-me o caminho do portaló e os sorrisos e surpresas vão-se encadeando pela sombra das velhas muralhas, até à beira do cais.

Tôdas as terras portuguesas, desde a Guiné ao Oriente, são cercanias do Chiado e do Rossio, e assim, por tôda a parte surgem caras amigas, improvisam-se conhecimentos, declaram-se as encobertas simpatias que na Horta me vão tornar fami-

liares as ruas e as travessas, como se por elas tivesse andado, quando era estudante do liceu.

Circulam biocos a envolver de modestia a mocidade e a velhice das nossas patrícias que ligeiramente passam e se cruzam, seguras de andarem defendidas de maus olhados e tentações.

Talvez não... Na meia claridade do capuz, vêem-se flamejar lindos olhos, de portuguesa doçura, e sabido é que de pequenas chamas se ateiam os maiores incêndios...

Logo numa praça, por vivo contraste dos tempos e costumes, três coloridas americanas no meio de exuberante e ruídosa companhia, em vão tentam fingir de inglesas. E por cinemáticos ademanes, com audaciosa nudez de grenhas e peito, um palmô de saia e três de perna ao léu, ali me representam em carne e ôsso (bastante ôsso!), a improvisada supremacia de nação muito rica de máquinas e de oiro que à nobreza das velhas civilizações ainda não pôde chegar...

Aqui e além, como cicatrizes na vestusta fisionomia do burgo, topa-se com os vivos sinais das convulsões vulcânicas, várias casas destruídas ou tenazmente reconstruídas, disputando-se aos poderes plutónicos o assento da velha cidade, cuja primeira donataria o flamengo Josse van Hurtere aceitou das mãos do Infante D. Fernando, sobrinho e filho adoptivo do Infante D. Henrique.

Casando êle com uma portuguesa, numerosa e illustre viria a ser a descendência desta união de bom sangue; e do seu próprio apelido de família talvez proviesse o nome de Horta, capital da Ilha. Pela cidade, muito de relance me prendem os olhos algumas fachadas de barroco insular, nobres casas e templos, dos quais sobressai a igreja do Colégio dos Jesuítas, com suas ricas talhas e azulejos de bom e largo desenho. Neste primeiro desembarque de libertação, o almôço decorreria em doce atmosfera de estima, entre pessoas que parecia terem-me visto ontem nas ruas

de Lisboa e até dos meus filhos ali me davam boas novas. . .

Antes do projectado passeio à volta da Ilha, vão guiar-me nos trilhos pelos arredores da cidade, a experiência e bom gôsto de um continental beirão e de um ilhéu florentino.

Em poucos minutos, estamos debruçados da Ponta de Espalamaca, a dominar os horizontes que por terra se alargam, da banda do Norte até à Ponta da Ribeirinha, continuando na Serra de Pedro-Miguel, Cabeço-Gordo e Caldeira, nomes que nada dizem nesta página. Mas sempre poderão recordar a quem alguma vez *in situ* os ouviu, o testemunho do esforçado trabalho de desbravamento e povoamento, para fazer renascer Portugal nestes mares e nestes pincairos, tão docemente beijados de névoas e de frescas auroras.

Na mesma exuberância vegetal em que as folhagens se confundem pela tremulina azul, em segundo plano se sucedem Monte-Carneiro, os declives e hor-

tas verdejantes do Vale dos Flamengos, a recordar os estrangeiros que por bons officios da nossa Infanta D. Isabel, duquesa de Borgonha, vieram estabelecer-se na ilha por interêsse seu e serviço de Portugal. E todos coroados de edificios ou de risonhas moradas que convidam ao repouso e contemplação, outros montes se sucedem a encadear-se e a disputar primazia de galas: o das Môças, o Queimado, o da Guia em que a vista se afoga e perturba na inquietação da luz e das neblinas que sempre e sempre, em retoques insatisfeitos, vão passando por árvores, pedras e socalcos.

Como suspensos ali em vôo plano, surpreendemos tôda a cidade aberta ao sol oriente, oferecendo em novas construções a revelação dos fastos do seu martírio, porque foi perdendo algumas feições de antiga nobreza.

Por tôda ela, como súplicas, sobem as tôrres do Carmo, do Colégio, de São Francisco, e lá mais longe, descobre a sua face triste a igreja de Nossa Senhora das

Angústias onde sempre rezaram e choraram as familias dos pescadores e marítimos.

Erguendo os olhos da doca, cortamos com a vista o Canal, e na costa fronteira, à mão de semear, branquejam e sorriem de paz as povoações da Madalena, Criação-Velha, Candelária e Ponta-de-São-Mateus.

E sôbre tôdas, orgulho da Terra e humilhação do Mar, o Pico-Alto, cintado de nuvens, a aparecer e a desaparecer, por fatal lei de inconstância, de minuto a minuto.

Neste grupo de ilhas por onde quer que se navegue, se embarque ou desembarque, sempre o Pico repica e interpica, êle nos acompanha e espia, voltado para todos os quadrantes, mais próximo e mais alto, mudável e inamovível presença, como se fôsse a mágica tôrre onde se acoitasse o soberano rei dêstes domínios, por todos os séculos ali encantado na melopeia das ondas e dos ventos.

Por entre vaporosas e opalinas clari- dades, as nuvens flutuam, enrolam-se, do

mar se desprendem, descem do céu, em tronos e abismos refulgem, transfigurando penhascos e florestas por louca dança de sete véus.

Bem podem fingir de ilhas a quem ansiosamente busca terra no deserto das águas, servem de rosário ao pélagos profundo, essas eternas brumas que algum dia já terão iludido a esperança dos Cavaleiros do Mar, encostados aos mastros das caravelas, a espiar as dúvidas do Horizonte.

Diante dêste fascinador painel, rociado da frescura das auroras primevas, com esmaltes de oriental sortilégio, ingenuidade no encanto e grandeza nas promessas de eternidade, toma-nos o desejo de fazer alarde nos céus, pelas brisas mandando êste precónio de arauto aos Portugueses de todo o Mundo:

—Venham pintores, músicos e poetas ide chamar, para o louvor da beleza que os olhos agora vêem!

Pouco já era o tempo para a volta da Ilha, consagrada pela admiração de quantos por aqui passam, e ficavam a esmorecer-me na lembrança perfis de igrejas seiscentistas, seus portais de vigorosa originalidade, janelas, molduras e altares, o museu em organização...

...E lá vamos em grupo jovial, por entre flores, colinas, árvores de tenra folhagem, de que não posso fixar as espécies na corrida livre e aberta, entre ramos floridos de hortênsias, por léguas e léguas de estrada, abraçando ribanceiras em curvas e lacetes.

Agora nos detemos para admirar a escarpa da Ribeira das Cabras, abrindo a nossos pés uma depressão de alarmante profundidade. Vão mais de quatrocentos metros a prumo, desde os nossos olhos à espuma do mar, lá onde a terra e a água parecem tocadas de fulgurações do inferno.

Por entre tufos de hortênsias, espessas como o mato de charnecas virgens,



espreita-se a mêdo o despenhadeiro, apoiado à mão de esperto guia. Lá no fundo, tumultuam os calhaus calcinados, a terra negra e a branca espuma do Mar que lânguidamente agora se espraia, cansado de tantos séculos de arremêso, com fúria voraz e destruidora.

No documentário das coisas grandes e raras que os Açores podem mostrar, quem nunca viu abismos, venha inclinar-se sôbre esta assustadora amplidão, e poderá contar assombros de formas violentas, nunca vistos segredos de côr imprecisa e cismática. . .

Nestas terras marinhas, a última das maravilhas é sempre preferida pelo assombro daquela que ainda havemos de ver, por sucessivas jornadas de encantamento e surpresas sem conto.

Nos Cedros, aldeia bem assoalhada, reclama e compensa uma visita o santuário quatrocentista: portada ogival, três arquivoltas suaves, com os intervalos ornados de figuras e flores. Aqui nos surgem na lembrança o rei D. Afonso V,

o generoso Henrique e o Infante D. Fernando, com os primeiros cuidados e zelos do povoamento cristão.

Ao fundo da nave, imponente arco cruzeiro, aberto em torais góticos, na última fase do estilo. Afamada terra de interêsse etnográfico, esta freguesia dos Cedros. Por dia de São Marcos, aqui se ordenava na mais audaciosa zombaria, a célebre procissão dos maridos infelizes.

Por tão grotesco realismo, nela se denunciava a tradição flamenga que felizmente se foi obliterando com os séculos, talvez por falta de matéria prima. . . Dêmos agora merecidos parabéns à moral e à paz doméstica desta Ilha.

Depois, retomando o caminho por entre hortênsias, léguas e léguas floridas de hortênsias, a estrada sempre a desdobrar-se, a fugir, a fugir, como a levar-nos em vertigem de azul às portas de palácio encantado. Renques que não despegam, a traçar alamedas em carne de flores, azuis caminhos para o céu azul que docemente se abre e rasga, de céuro

em cêrro. Pela direita, o Sol vai esmorecendo, a envolver de melancolia habitações pobres e de asseada aparência, dizendo adeus a quem passa, enquanto os olhos se perdem por veludineos semedeiros que só é costume ver em aguarelas de exposições retrospectivas...

16 de Junho

Na manhã de hoje em que o descanso nos poupa a ruídos e abordagens, a cidade da Horta muito abrigada das bandas do poente pela escalada das suas colinas, tranqüilamente dorme o sono do seu domingo.

Raros passeantes pelas vizinhanças do cais. Na face das águas mornas, docemente se estira a trémula sombra das muralhas e dos fortins, derramando febril enleio de mafinalidade.

A mastreação e a cordoalha dos veleiros e chalupas da cabotagem tra-

zem-me à lembrança os velhos tempos de rotear com incertezas e perigos dos altos céus e do pélagio profundo.

Grandes navegadores os nossos velhos avós, a cortar a fúria de altas ondas, embarcados em varinéis! Vendo encostados a terra êstes barcos, humilhados pelas chaminés de aço, pelos apitos e pelo alvoroço com que ontem tôda a tonelagem abriu lugar ao Clipper—se não fôsse esta luz, constante mistério e perturbador segrêdo dos Açores, bem cuidaria o barco fundeado diante de vila marítima da costa do Continente.

Em diversas línguas, cruzam agora os ares tétricas mensagens de terror e destruição àcêrca do destino da Europa. Ouve-se corvejar sôbre a necessária utilização das nossas posições atlânticas.

Parece que já suam sangue as rosas desta manhã...

Inquietam-me estas vozes roufenhas. Serão talvez de sinistros profetas, a provocar, a excitar a guerra dos nervos... E que irá ser do mundo e dos pequenos

povos que por legítimo direito, sempre desejam viver em paz e sossego?

Não me pode ser festivo um regresso feito com tão dolorosas certezas, entre ameaças e terrores, por fogo e sangue. Onde ficará ou para onde irá Portugal na perturbação que neste prelúdio se denuncia e que amanhã há-de assolar o velho mundo?

...Os olhos vão pousar nas três ilhas que daqui se avistam, e corre o pensamento para as outras seis que não posso ver. E por êstes pedaços de terra portuguesa, amorosamente fecundados com trabalhos e sacrifícios de cinco séculos, sinto receio talvez sem causa, mas desvelado pressentimento e alvorôço.

Agora, aqui, até me reconheço açoreense no amor e no apêgo às ilhas, sinto-me inclinado ao vingador protesto contra qualquer agressão que de longe ou de perto espreite a nossa honrada pobreza de aviões e couraçados..

A Horta continua repousando e dormindo, sem pressa de acordar. Talvez

lhe faça bem. Só eu me sobressalto a ouvir êstes rufos na caixa da telefonia.

O navio está deserto. Como hiate de recreio, poderia eu gozá-lo nesta imobilidade, se não fôssem os maus sonhos e inquietadores presságios. A formosura de tudo o que me cerca, reveste-se agora de cinzenta e lacrimosa incerteza. Nem a deslumbradora fascinação da terra e do mar conseguem desterrar-me da lembrança a mecanizada e fria maldade dos homens, a provocar novas dores e martírios a milhões de inocentes, por sacrificio à injustiça das armas.

Hora de opressão e mágoa! Quem me dera desafogar!

Retomando a rota pela mesma escala, o *Lima* vai deitar âncora defronte das Lajes do Pico, para carregar óleo de baleia. Nestas águas verdes, longe do cais, vão passar-se quatro horas, seis

horas, e chegaremos quási à noite a São-Jorge.

Embora áspera de aspectos a esta luz trémula, a terra provoca-nos à tentação de a tocar, para ver de perto os negros vómitos de fogo que os habitantes cavam e amanham, quando não lhes é possível fazer a lavra do mar, mais rápida e remuneradora.

Procuro por um e outro lado e não vejo baleias, nem despojos seus.

Mas o cheiro a cadáver, a carne fismada, é nauseabundo. Homens corpulentos, de barbas intonsas, agrupam-se nas rochas, fumando cachimbos, calados e imóveis. Como em sonho, indiferentes a quem os vê na passagem, estão fitando no mar os olhos azuis.

Esperam a sua vez. . .

É que no cais, sem guindaste nem cámbrea, êstes piquenses entroncados e braceiros, vão descendo por cordas, a pulso, centos e centos de barris de óleo que se dispõem nos batelões. Por cordas e a pulso, como nos primeiros tempos do

povoamento se içavam ou arriavam móveis e rêses! Com o Sol alto, o calor brota das pedras, das águas, do fétido odor dos cachalotes, fervidos em caldeirões, mas nestes sólidos marítimos as bôcas estão caladas, os sorrisos são brandos, os músculos, bem estriados de aço, obedientes e fiéis.

Fumam, conversam, por certo rezam à noite, e aceitam tudo, trabalham como gigantes escravizados, servem como galerianos sem culpa, êstes sérios, membrudos e doces picotos. São êles os jurados cavaleiros de vida e de morte pela épica safra da pesca, gente industriosa, arrojada e inteligente.

Ricos de fôrça e de audácia—pobres dêles!

Em terra ingrata, voltados os olhos para o mar, as almas deixam-se ali penetrar de encantamento pela solitária amplidão das ondas em que tudo é grande e só o homem se sente pequeno. Por isso, da face das rochas, do cais, dos casebres, dos semblantes, desprende-se em gemidos a queixa do abandono:

—Vivemos para aqui esquecidos.  
O pôrto nunca o fazem, ninguém nos  
ouve, nem lá querem saber de nós...  
Mas não nos levem o suor, deixem-nos  
aqui viver por nossa conta, até morrer na  
terra ou no mar, e nessa hora iremos  
ter com Deus!...

## À VARANDA DE BORDO (S. JORGE)

*16 de Junho*

**S**ÓBRE tarde, contornamos a Ilha do  
Pico para ir aportar à Calheta,  
pôrto de escala para este navio.  
Vamos entrando nas mansas e translú-  
cidas águas do Canal de São-Jorge.

Por estibordo, para o Sul, a Ilha do  
Pico alonga-se como sáurio imenso, com  
a sua grande sarrilha a recortar-se no céu,  
até onde se lhe ergue o barrete de titã.

É o Pico, sempre o Pico, pronto a des-  
picar com a nossa atenção por todos os  
aspectos, como se dúvida opuséssemos  
à grandeza e majestade do seu domínio  
nestas terras e nestas águas ..

Ao fundo, vê-se o Faial a amortecer a face no esplendor azul do horizonte, e mais para lá, em misterioso espasmo de luz, as etéreas brumas em que, a perder de vista, céu e mar se fundem e confundem.

Amortalhado em estratos de púrpura, translúcidos e finos como lâminas, vai morrendo o Sol na Ponta da Fajã Grande, a recortar em fulvo oiro a lenta doba-doura de um moinho, que ao melhor parecer, naquele instante foi trazido para embelezar a pintura vespéral.

Pela encosta fronteira, em cujo sopé se abriga a vila da Calheta, a terra de São-Jorge vai adormecer, envolta em crepusculares véus de verde-negro que se abrem e estendem pela riba frondosa, perfumada e ingreme.

Talvez com medo de cair, rolando para o mar, algumas casotas lá espreitam da colina, enquanto a paz do céu se desdobra em silêncio, até ao lume d'água.

Como se dêle fizessem tanque de metal fundido, o Atlântico suspende-se na contemplação daquela hora, e até parece

descansar do destino de ter polido a face para espelho do mundo.

Mas do lado oposto, já as águas começam a avivar-se em lascas de prata, ora partindo-se, ora multiplicando-se, para nelas se ver e rever lá do céu a jubilosa face do crescente lunar.

Por êste calmo crepúsculo em que o dia agoniza e morre, sem suspiros, lindos bois, uns atrás de outros, vão sendo içados pelo guindaste, subindo do fundo de um batelão, suspensos pelos cornos. Como em rito funerário, rodam e desandam nas voltas do cabo, lançando os últimos olhares para a verdura da terra e oferecendo-se, calados e humildes, à sanguinária gula dos homens. Pela bocarra da escolilha, assim vão entrando bovídeos morenos, vitelos luzidios e bocalvos, vacas mansas e malhadas que já desistiram de mugir no tumulto do derradeiro destino que lhes dão os guardadores de ontem.

Silêncio! Silêncio de sacrifício! Morte da luz. Morte dos homens em França.

E segundo as proclamações de agora pela radiodifusão, a morte da própria França! Mas valha-nos aqui o socorro da boa razão: uma França houve que nunca deveria ter nascido; outra que não pode morrer. Não chegará a apagar-se para sempre um dos mais rútilos luzeiros do Espírito em tôda a Terra!

Alheios à dor dos homens e dos animais, recolhendo alegremente aos seus ninhos, andam a cruzar-se no ar em ruídosos arabescos, os vivos e solertes garajaus. A vida obedece à fôrça das suas leis; passa por cima dos cadáveres, da própria morte se nutre para continuar a ser vida, indiferente às lágrimas dos olhos e ao sangue que dos corações se derrama na terra e no mar.

\*

Absorvido na meditação das incertezas desta hora, vêm encontrar-me dois rapazotes que pelo convés vagueavam

lentamente, à procura de notícias para ir acordar as fáceis sensações da Calheta, depois de o navio levantar ferro.

Todos sabem que o vapor é sempre o mais notável facto da quinzena, viva quem viva, ou morra quem muito ou pouco viveu. A facécia insular há muito que em terra chama a essa festa o dia de São Vapor... O fumo da chaminé perturba as almas de alvorôço e de esperança. Se ela se desfaz em desilusão, logo outra começa a viver por tôda a quinzena.

Os dois mancebos com a doce e confiada espontaneidade da gente das Ilhas, despachadamente ali me interrogam:

—O senhor gosta dêstes arrabaldes?

—Acho-os lindos e admiro-os muito. É verdade.

—São Jorge é a ilha mais bonita de tôdas. Êste lado é também o melhor. Lá para as Velas, a terra pouco dá e a gente é outra: não faz idêia...

—Pior ou melhor?

Má, ruim... Muito pior! E anda por lá sempre a peste. Olhe, se não fôsse a

pesca da baleia, êles morriam todos de fome. Era certo. Coitados!...

—E aqui não pescam também? Não fazem como os das Velas?

—Sim, senhor. Mas há melhor terra e o gado é aos montes. Não viu ainda agora carregar bois?

Nada sabendo nem desejando contestar em tais certezas, só me competia adquirir fiel convicção e segurança do que ouvia.

O<sup>1</sup> principal informador, aprovado pelo risonho silêncio do companheiro, assim prossegue no sentencioso discurso:

—O meu tio tem a fábrica de manteiga maior de Portugal. Todos os vapores como êste, e também os de carga, vêm aqui meter sempre gado e levam caixas e caixas para Lisboa.

Reconhecendo-me confundido por tais revelações, o inflamado insularismo do rapaz continuava a exaltar-se:

—Se não fôsse São Jorge, lá em Portugal nem sabiam o que é manteiga da boa...

—...nem bom queijo, completava solicitamente o outro muchacho, mais moderado e sisudo.

Nos seus olhos, atâvicamente lhe brilhava a redonda cupidez da *pecunia insulana*, enquanto, a dar-lhe razão, eu ia recordando as grandes rodas expostas pelas mercearias de Lisboa.

Os pais do collocutor mais exuberante andavam também de visita ao navio, para receber as encomendas dos tripulantes, para ver, dar fé e também para se actualizarem em modas e noticiário do Continente.

Surpreendidos com êste colóquio livre e franco, à chispante luz do convés, detiveram-se a observar-nos por cautela. E tôda é muito pouca em época de más companhias e de traiçoeira convivência.

Em verdade, tão estranho e alto figurante, occulto detrás de uns óculos, que poderia dizer de proveito ao filho e ao seu companheiro? Iniciá-los, como é da moda, no sonho do comunismo?



Ensinar-lhes o fabrico de bombas? Ou a abrir cofres fortes sem chave?

O pai, mais forte e confiado, sorri da inquietação da consorte e segue a sua volta, fumando. Mas a mulher-mãe, em cujo coração os cuidados mais latejam, chama o filho à amurada e adverte-o de qualquer perigo. Queria do mesmo passo certificar-me que o rapaz lhe pertencia, era seu filho, plenamente sujeito ao poder paternal ainda não revogado, de facto nem de direito, na Ilha de São Jorge. . . Apesar de tudo, o moço tranquilamente sorri, e com o devido respeito, volta a retomar aquela fortuita conversa. Passado o alarme maternal e visto que a hora não permitia desembarque, procurei saber notícias da vila pelo expediente de ingénua e fácil reportagem.

Em tóda a Terra Portuguesa estão agora decorrendo as celebrações centenárias. Por tão justo motivo, quis saber se também tinha havido festejos na Calheta.

Logo entusiasmado, o meu informador foi preciso e concreto:

—Sim, senhor! Até houve sessão na Câmara, com a sala tóda cheia.

Falou o Sr. Dr. M., e tóda a gente gostou muito do discurso que êle fez.

E sublinhando com malicioso sorriso a continuação do elenco dos oradores:

—Também falou o Sr. R. . . Ofereceu-se êle mesmo para discursar. Se o senhor o visse. . .

—Dava palmas, com certeza.

—Ora essa! Mas o caranguejo não sabia dizer nada, nem o nome do primeiro rei de Portugal! Coitado! . . .

—Pois êle era criado da Terra Nostra, em São Miguel, e nunca estudou!, esclarecia o mais moderado de palavras, acrescentando maliciosamente:

—Depois foi para a América e trouxe de lá dólares com fôrça. Pôs-se a fingir de pessoa fina. E como tinha dinheiro. . .

Com zombador desdém, o outro insistia no propósito informativo:

—Queria falar, deitar figura, mas aquilo foi um pagode. Só disse que era festa; que estava ali na sala uma linda

mulher que representava tôda a festa. Os mais importantes da mesa puseram as mãos na cara para tapar o riso. Até o presidente, o Sr. Dr. M., entrou a rir, a rir sem parar, porque essa formosura só podia ser a filha dêle...

—Então não há outras senhoras bonitas na Calheta e que também estivessem na Câmara?

—Isso há muitas; mas nenhuma tão bem vestida, nem tão bem penteada, quando ela quere. Nem as da América! O Sr. Dr. M. é que manda em tudó, como se fôsse dêle: na Misericórdia, na Câmara, nos caminhos... Também é muito bom para tôda a gente. Sem nenhuma soberba, fala com pobres e ricos que encontra.

—Então será êsse doutor a principal pessoa da Calheta?

—Isso é, com certeza. Da Calheta e da Ilha tôda! Pode perguntar a quem quiser.

—Acredito na vossa palavra. Não quero saber mais...

—Se de cá o tirassem, era a desgraça de São Jorge: não se arranjava outro homem, tão capaz para tudo.

—Então, se assim é, amigos, que Deus o conserve e guarde por muitos anos, pois tendes lá uma rara preciosidade, um bom modelo de civismo...

No meio do Atlântico, aos sinistros ecos de perdição da Europa que agora se ouvem constantemente, Portugal ainda aqui oferece paz, família cristã, patriotismo de inofensiva oratória, e os próprios rapazes azougados confessam estima e respeito pela autoridade social.

Se vierem a completar-se os tempos da calamidade, que fará o Futuro de todo êste património de Civilização?

Não se alevantará São Jorge para matar o Dragão da nova Tirania? Ou a velha Serpe da Anarquia? Desgraçados seremos, se não virmos na ponta da sua lança a luz do milagre...

Na hora da provação que nos ameaça, com dilúvio de fogo e de sangue, só os Santos saberão ensinar-nos os caminhos

do resgate do mundo. E os Santos — onde estão eles?

Como eco de outro perigo, aceitemos a resignada confiança traduzida nos versos de tão alto espírito cristão que nesta hora me estão lembrando:

*Quem poderá do mal aparelhado  
Livrar-se sem perigo, sãbiamente,  
Se lá de cima a Guarda soberana  
Não acudir à fraca fôrça humana?*

Os LUSÍADAS, II-30.

## POR ANGRA E PRAIA DA VITÓRIA

17 de Junho

**E**M torna-viagem, com últimas despedidas passado o pôrto da Graciosa, por esta manhã de céu sereno e de brumas liberto, fêz-se a travessia para vir alcançar a meio da tarde a formosa Angra. Ali está ela, muito bem lavada de claridades, deixando desprender de janelas e alegretes, um sorriso discreto e senhorial. Viemos navegando por mar cavado, sempre a cortar em plumadas cristas que ao navio faziam sofrer balouços lentos, ou rangedores frémitos de decrepitude. Mar bravo e céu

de calma. Com certeza, já atingiu e até excedeu o limite de idade este amável vapor *Lima* que as ondas ainda não desconjuntaram, só por terem piedade de um inválido e dos muitos portugueses que para estas curtas jornadas nêles têm de tomar talher e camarote.

Para desembarcar não nos concedem mais de cinco horas, o tempo indispensável para meter carga, porque o barco não é de turismo, e os passageiros também são carga, às vezes da pior, até para o preço do frete. . .

Como logo notei e disse, ao passar, enquanto aos Açores não vim, era a Ilha Terceira a terra que melhor via a projectar-se na História de Portugal. Mas, no dia de hoje, à cidade de Angra, sua capital, devo pedir desculpa de ter consagrado tão poucas horas à sua vida presente, assim como aos testemunhos e documentos das glórias passadas.

E pena tenho de mim próprio, pois de nenhuma outra ilha dos Açores poderia esperar mais certo gôsto e maior proveito,

ao procurar reviver os fastos político-militares do seu povo.

Ora nas duas vezes que pus os pés na terra dêste baluarte da antiga e da moderna Liberdade, paradoxalmente vim a reconhecer que ali imperavam dois absolutismos em condomínio: o da Companhia Insulana pelos horários, contra cujo arbítrio não há recurso, e o da gentileza dos terceirenses de que ninguém pode agravar-se e a que nenhum artifício é capaz de resistir. . .

Destronado aqui o saudável absolutismo real, continuou um e nasceu outro, sem desprimor para os senhores 7500 que destas águas partiram a libertar pela força o velho Portugal que aliás nunca se queixara de escravidão, até às edénicas auroras daqueles tempos luminosos. . .

Assim, já aqui dentro do navio, limito-me a confessar e a anotar boas lembranças, o que sempre é preferível a exercícios de má literatura.

Indiscutivelmente, para todos é certo o ganho, com apreciável benefício para

a comunidade no menor dispêndio da tinta e do papel e sem perda de tempo para o hipotético leitor destas regras.

Para passar uma quinzena na Ilha Terceira, todos o sabem, é eloqüente o invatatório do seu renome e das muito celebradas emprêsas dos seus filhos; em Angra, além de tudo, são para merecer defido reparo e estudo, a feição filipina da catedral e do castelo, os seus solares e conventos, com relíquias de larga e intensa vida, os quadros, os altares, as gloriosas sepulturas. . .

Como as suas oito irmãs do Arquipélago, em que tudo de novo foi feito, a Ilha de Jesus Cristo, achada no descobrimento com a sua manta viva a cobrir-lhe a face, logo oferecia aos primeiros olhos que a desencantavam, a praia de desembarque e a angra de abrigo, e pelo recorte da sua costa, diversos surgidouros, abras e chanfraduras, a tentar a fortuna de marinheiros e povoadores.

De uns e outros nasceu a próspera vila que a cidade episcopal seria promo-

vida, ainda no século de felizes e opulentos donatários.

Com duro sacrifício, a cidade e a Ilha Terceira testemunhariam extremada fidelidade ao Rei e ao Reino em hora de perdição; depois, pela liberdade da Pátria elas se levantariam contra o castelhanismo opressor, até Angra vir a merecer da justiça do Restaurador o título de *muito nobre e sempre leal cidade* que os céus e a honra do seu povo lhe conservarão por todos os séculos.

Poderá Angra lembrar saudosamente o destino que a fêz sede do Govêrno Geral dos Açores em tempo de El-Rei D. José, e jactar-se de ter sido novamente capital do Reino, durante a Regência de D. Pedro (1830-32).

Mas então, por mau signo do Povo Português, aos golpes dos decretos de Mousinho da Silveira, foi destruído o que apenas precisava ser reformado, aniquilando-se em fúrias de ciclone a estrutura da Nação, com sete séculos de vida e de experiência. Aqui podiam bem recor-

dar-se os trenos da penitência de Garrett, de Herculano e Luz Soriano, proclamando os erros e desilusões da época do novo e falso espírito de redenção.

Era o tempo em que muitas almas acreditavam no paraíso da sociedade, para por êle se baterem até à morte, com mal empregado e sincero valor.

Se também quiser lembrar a sua má-sina, Angra registará a perda da capitalidade dos Açores, com a consequente redução à categoria de simples sede de distrito, e poderá ainda deplorar as poucas atenções nos muitos sucessos ocorridos até hoje...

Nada ganhou a Ilha Terceira com o Liberalismo de que foi desvelada e robusta nutriz, restando-lhe apenas orgulhar-se do desinterêsse e lealdade com que o serviu, para esmaltar de novo o brasão das suas tradições.

Grande miradouro de História, de Política teórica e prática é esta cidade de Angra, de feição e arruamentos tão solenes, de gente briosa e leal que da

sua terra sabe fazer o primeiro e último dos seus amores.

Por cinco séculos de vida nacional, ela foi um dos seminários de energia e fogo espiritual dentro da Grei Lusitana, dando vida a soldados, marinheiros e missionários dos maiores, para que não deva ser relembrada às gerações futuras a sua lição de exemplar portugalidade.

\*  
\* \*

Comparticipante do mesmo destino em venturas e desditas, a Vila da Praia da Vitória também pode evocar os fastos da guerra civil tão glorificada, até pelo nome de uma avenida em Lisboa. E os seus monumentos de fervor cívico, a livraria municipal, os quadros quinhentistas, o manuelino hábilmente enxertado no gótico dos portais da igreja, requerem uma visita atenta a quem um dia fizer o inventário artístico dos Açores.

Ainda pela vila ecoam os maus versos da *Hode Heróica* de Garrett à *batalha* de 11 de Agosto de 1829, episódio de luta fratricida que há mais de cem anos passou, para dar lugar a outros de sangue ainda fresco. . . Então, o Usurpador de uns tornou-se Usurpado para outros, e assim continuou a ser, embora, sem fumo de guerra, já claramente brilhe a luz da verdade histórica.

Mas a justiça do tempo, quando chega, quasi nada remedeia, por já terem morrido as partes do processo. . . O Rei estrangeiro por sua vontade e por estrangeiros protegido, veio a triunfar do Rei que português era e sempre português foi, como a Nação que dignamente personificava.

Assim, como dois pólos da vida histórica e político-militar da Ilha Terceira, Angra e Praia, mal as vi para directamente as poder sentir nas suas lembranças, serras, vales e surgidouros de nomeada. Mas deixaram-me bem vivo esse desejo — talvez para o cumprir por algum

outro acaso da vida que sempre me poderá levar não sei aonde, ou, por voltas do tempo, até não sei quando. . .

Então, para a outra vez, justo seria que a minha excursão cívica fôsse para a Terceira. Aqui teria livros, obras de arte, velhas paredes e ruas, com as quais teria gosto de falar e sonhar, alargando o panorama das tradições, para consolação e desenfadamento dos males que por então me atormentassem.

Assim, com pressa, entre pena e desejo, da Ilha Terceira acabo de me despedir com três abraços, duas saúdes e um sorriso de adeus. . .

Vamos em 17 do mês de Junho. Se por ali ficasse retido até 22, lá ouviria a girândola de foguetes que por conta e encargo do velho bibliotecário Oliveira Bastos, todos os anos a sua família tem mandado queimar junto da Memória de

D. Pedro I do Brasil, em honra da Liberdade de Portugal.

Tamanho regozijo pela Carta Constitucional, outorgada e mantida a ferro e fogo e já por três vezes solenemente abolida, essa manifestação cívica, digo, já malignos zeladores a podem capitular de verdadeiro ultraje à vigente Constituição da República Portuguesa. Na verdade, a sua doutrina informadora, os muitíssimos deveres com prática abstinência e até jejum de direitos e garantias individuais dos cidadãos, não me parecem compatíveis com o ruído de tal foguetaria, a acordar por certo os que dormem o sono dos justos e dos injustos que muitos são.

Mas talvez já hoje não haja quem dê vivas, a acompanhar festivamente as rocas de foguetes de respostas, para solenizar o civismo daquela testamentaria. E tal ingratidão até faz pena...

Ainda há poucas horas, ao pé da pirâmide, de inspiração muito triangular e de base quadrada, olhei bem para

aquela espessura de pedra e cal, amassada com lágrimas e sangue de milhares de Portugueses. Sacrilegamente, a minha mão de ferrugento reaccionário tocou o lutuoso padrão da guerra civil, essa fria Memória que já se vai tornando esquecimento, ou enterriecedor emanatório de ingenuidade e sonho morto.

Então, amigos, pelo testador e pelo foguetário, por todos aquêles sacrificados e até por mim (aqui para nós...), sem o querer, em mortiço eco de distância, claramente ouvi alevantar-se a minha trémula voz:

— Viva a Liberdade!...

.....



## AS SETE CIDADES

*18 de Junho*

— **E**STAMOS à beira da Lagoa, mas...,  
informa a malograda solicitude  
do bom companheiro e guia.

... É que não se vê nada, senão a  
imagem do caos, as formas tôdas sepultas  
ou abafadas na inquieta neblina de que a  
rosa do Sol está prisioneira. Do mira-  
douro da estrada, mal se pressente, a  
ampliar-se em vapor de cinza, o mistério  
da grande caldeira em que um dia as  
águas e a terra ferveram, cobrindo de  
ondas de lava o primitivo revestimento  
de cedros e zimbros da Ilha de São  
Miguel.

Árvores e arbustos, a poucos metros dos nossos pés, estão disfarçados com baço toucado e não se distinguem pinheiros de criptomérias, nem incensos de azáleas.

O grandioso é informe e vem-nos a lembrança da primitiva confusão cósmica, traduzida nos versos do velho clássico:

*Ante, mare, et tellus, et, quod tegit omnia, cœlum,  
Unus erat toto Naturæ vultus in orbe,  
Quem dixere Chaos: rudis indigestaque moles;*

.....

Não se pode sentir mais calma e solene quietude, e por ela bem nos parece que a Terra aqui descansa do movimento e do rumor, ampliando-se assustadoramente o silêncio até o sentirmos irmão daqueloutro que se diz costuma anteceder as grandes catástrofes.

Sem nada ver nem ouvir, por este rebordo a pique se continua a desiludir a curiosidade que até aqui me trouxera.

Passam minutos longos, a terra continua a debruçar-se e a cair por medonho

recôncavo de onde não se sabe o que nos espera ou ameaça, a cada instante. Quem por ali tombasse, nunca mais o levantariam, nem vivo nem morto.

Com maior esforço de asas, o Sol luta para se libertar do velário denso e para êle implorativamente sobe a esperança de ainda se ver aberto o abismo que diante de nós se esconde. Briga a ansiedade com a paciência, até que começam a desenrolar-se, aqui e além, caprichosos e rútilos véus, já outros se rasgam com ímpeto, às lufadas do vento que inesperadamente se desata e rugue, como a sair do antro de Éolo iracundo.

E assim começa pela direita, lá no fundo, a ressurreição da península, cultivada como jardineto, em cujas veredas as figuras humanas estão lembrando formigas à roda do granel. Mais para longe, até ao fim da muralha das escarpas, a aragem abre caminho ao Sol; e pela amplitude dêste vazio e dêste opressivo silêncio, em desordem vai voando a pesada cerração da manhã.

Sobre a face da Lagoa, já andam a confundir-se farrapos de nevoeiro com flocos de espuma. E então aos olhos se oferece o maligno e louco brinquedo destas águas risonhas sobre o abismo do fogo que ardeu ou ainda arde lá nas profundezas, à espera de nova ordem de morte e de aniquilamento.

Senhor Deus, Misericórdia!

Do outro lado, vivo espelho com reflexos esmeraldinos, transforma-se a realidade em alucinador mistério, quando parece que as sombras dão luz e a luz se perde por fugidias e moribundas cintilações.

Em tais surpresas se gera a sedução deste lugar predestinado para revelar o maravilhoso da Época Portuguesa, como se a Terra Descoberta quisesse confundir o orgulho e a pequenez dos homens que a devassaram, representando-lhes o telúrico drama da transformação de um pico num poço e de uma serra em vale profundo.

Por aqui passaram e ruíram indomá-

veis energias, e do fumegante inferno que ficou, Deus pelo Seu poder e os homens pelo seu trabalho, deram a este sítio o trágico e idílico encanto que ora convida ao devaneio, ora à contemplação.

Paragem para admirar e logo lhe fugir ao sortilégio, ou para ficar prisioneiro do seu enlévo, vivo em sepultura de flores, longe das misérias dos homens, e das ilusões da vida.

Aqui, nesta hora de ressurreição, cresce o pasmo pelas galas e surpresas da cova profunda, somos tomados pela envolvente feitiçaria das côres, a tumultuar sem destino em todo o espaço.

Na ridente quietação que desce do céu e sobe da terra e da água, esvai-se por instantes a consciência do que foi, a ansiedade do futuro esmorece, como se, já alheios ao tempo, nos tivéssemos integrado de alma e corpo na vida da natureza, e ali já fôsse a antecâmara da eternidade...

Depois, mais abertos, seguem os olhos o tumulto das espécies nativas ou

aclimadas por exemplar cuidado e bom gosto, faias, plátanos, canteiros, urze, queiró, formando tufos de perturbante espessura de onde timidamente se soltam flébeis pios de verdilhões.

Na próxima relva, a coaxada de rãs a ecoar desarmonicamente, queixando-se com amargura, não se sabe de quê nem para quê, e sem ninguém lhes acudir, desde o princípio até ao fim do mundo...

Os olhos não param, seguindo agora por paredes de rocha, ásperos alcantís por onde a luz vai desfiando a bruma e por onde as formas avultam com faces de monstros ou de petrificados gigantes. Pelos declives, as árvores desenham-se com reflexos de cristal em cada fôlha, e para os céus se evola a melancolia do próprio mistério. Para a direita da terra chã onde agora paramos, desenvolve-se o dorso arqueado, às lombas, por onde galopadas de nuvens se arremessam ou se defêm, vencidas e fôntas de cansaço. Manchas nunca vistas, nem pintadas, tufos de agapantos aqui chamados coroas

de rei, roseiras e hortênsias — sente-se evolar dos maciços, às ondas, o perfume da terra e das flores, exóticas fragrâncias que aqui vivem em confuso destêrro.

No céu baixo, a neblina retoma seus caprichos, enfeitando e deformando pedras e copas de árvores, enquanto se espalham, saüdosos dos horizontes do mar, hieráticos pinheiros, a olhar para renques viçosos, brinquedos de relva e de românticos jardins, ao abandono. Terreno turmutuário, ainda não repousado da convulsão em que a folhagem succedeu às chamas, as nuvens ao fumo, as águas ao fogo — aqui se surpreende uma das maiores maravilhas que aformoseiam a Herdade Portuguesa de Além-Mar.

Casotas abandonadas, hortejos incultos, rebrilhante musgão e altos fetos de lâminas dentadas ainda atestam o flagelo das inundações nesta terra baixa, enquanto não se dominaram os perigos e a miséria periódica das famílias pelo regular e superficial desaguamento da Lagoa. Com mais essa segurança de bem-estar,

entre os privilégios das côres e das formas irreais, aqui moram ainda silêncio e paz, bens e gozos de espírito que estão a desaparecer de tôda a face da Terra.

Por êstes ensombrados dias em que os engenhos de morte vão desmentindo e insultando a civilização cristã, já com justiça se amaldiçoa o progresso das indústrias que, em sanguinária fereza, os homens degradam para além dos chacais.

Somos levados a renegar do esplendor das cidades e a amar a vida nas solidões, sentindo especial desejo de professar neste mosteiro de reconciliação com a natureza, e bom sanatório seria êle para repouso e cura de almas feridas por tantos gritos e dores do mundo.

\*

\* \*

Na tarde de hoje, antes de deixar a terra de São Miguel, doce cativeiro de saúdades e maravilhas, por algumas horas ainda me deteve Ponta Delgada

com o pouco que em curta visita pude admirar e com pena do muito que lá deixei, talvez para nunca mais ver.

Vêm nos meus olhos os graciosos colonelos e medalhões manuelinos da matriz, presente da Mãe-Pátria, a robustez do barroco do Colégio, em cujo púlpito prégou o padre António Vieira, a talha de colunas e altares de rico lavor, os azulejos de São Francisco, de Santo André e da Esperança, não se esquecendo o Museu distrital com salas já povoadas de valioso pecúlio artístico.

Em voltas dirigidas pelos melhores guias, através da cidade, ia-se renovando a minha admiração pelos seus ilustres filhos já mortos. Assim recordava os sonhos da mocidade de Teófilo, a intelectual benemerência de Ernesto do Canto, e, mais além, em lembrança me ressoava na alma o doloroso eco da morte de Antero, tão grande poeta como desgraçado homem, cuja invencível melancolia o precipitou em tenebroso desespero, à sombra do Convento da Esperança...

Nesta capital de São Miguel, primeiro centro económico dos Açores, as ruas estreitas e tortuosas dos velhos bairros, a feição sinceramente portuguesa dos seus hábitos e aspectos, por telhados e janelas, dar-nos-iam a inteira ilusão de uma das nossas cidades provincianas, se não fôsse o céu baço, de azul aguado, ou de cinerária lividez, com nuvens sempre inquietas, estas loucas ondas de aéreo oceano.

Nas suas quintas e cercanias, muito são para louvar as aperfeiçoadas culturas arvenses, as novas realizações de indústrias alimentares, as largas iniciativas para valorização das especialidades da terra e das águas, os aspectos de antiga e moderna opulência de que não se doiram as outras cidades do Arquipélago.

Para os habitantes das pequenas ilhas, ir a São Miguel já corresponde a viagem de recreio, a gozar o luxo e os prazeres do urbanismo, a ver movimento, a ouvir ruídos de trabalho industrial pelas lojas e pelas oficinas metalúrgicas. . .

Vou deixar os Açores, sem observar nem sentir a acidental e celebrada prostração a que os ingleses um dia chamaram *azorean torpor*, que as más-línguas traduziram por *mornaça*, e a que mais eufonicamente poderíamos dar o nome de *açorinia*. Se tal morbidez debilita os ilhéus, em Ponta Delgada vi hoje dementidos tais efeitos pelo movimento das ruas e praças e mais ainda pelo incansável trabalho de amanhar a terra, plantar árvores, criar flores e frutos, com tanto esmero e amor revelados pelas encostas e alegretes de jardins em que a Primavera, por todo o ano, as suas graças e encantos perpetua.

Por seu destino neste rosário de ilhas portuguesas, São Miguel vai quasi em metade dos Açores em gente e em terra arável. Tal certeza a muito obriga em realizações imediatas, para alentar esperanças de melhor vida e fortuna, se não lhes faltar a consciência do estímulo oficial que sempre tarda ou nunca chega a vir. . .

Ainda agora desterrej a vista dos Arcos do Cais e daqueles amigos velhos e novos, cuja assistência carinhosa soube cobrir de flores e afectos de alma os abrolhos do meu caminho.

Por obra e graça da sua gentileza, menos ásperas me foram as agruras do destêrro, e aqui do mar, com voz do espírito e do coração, a todos mando o recado do mais saúdoso e vivo reconhecimento.

## O SEGRÊDO DE SANTA MARIA

19 de Junho de 1940

**H**OJE amanheceu-nos sôbre as mansas águas da Vila do Pôrto onde comecei e agora acabo êste circuito açórico.

Daqui vejo o cinzento perfil do navio de guerra *Gonçalo Velho*, a balançar docemente no fundeadouro.

Justa glória rendida ao grande Cavaleiro do Mar, mas muito mais honra ao Descobridor do que zêlo e amor pela Descoberta, bem o posso testemunhar nas mal notadas regras dêste papel.

Com o mais ambicioso interêsse, pela vigia do camarote fui perguntar à Ilha por sua ascendência e origem—se era filha do cego e negro Plutão e irmã das outras do Arquipélago, ou dorida carne do abismado corpo da Atlântida.

Talvez por ser segrêdo de família, ou por me julgar indigno de tal confidência, esta Ilha de Santa Maria quieta permaneceu e muda ficou, diante da minha ansiosa indagação.

Assim, bem desenganado pelo malôgro da última esperança, daqui me vou apartar tristemente, porque, de tanto que vi e ouvi pelos Açores, nem ao menos a novidade de uma certeza posso comigo levar para as terras do velho Reino de Portugal!

F I M

## ÍNDICE

	Pág
INSCRIÇÕES . . . . .	9
PREÂMBULO . . . . .	12
I—A CAMINHO . . . . .	47
Ilha primeira—Solar da melancolia . . . . .	49
Ilha segunda—Vale de água em fogo . . . . .	57
Ilha terceira—À procura de Angra . . . . .	65
Ilha quarta—Para o Cais da Negra . . . . .	81
II—ÓCIOS DO DESTÉRRO . . . . .	95
Da terra e da gente . . . . .	97
Coroações—Impérios . . . . .	131
A Furna do Enxôfre . . . . .	145
Portugal seja louvado! . . . . .	161
Na Luz . . . . .	185
Lidas do leme e do arado . . . . .	199
Por ladeiras e cumes . . . . .	223
Príncipes na Graciosa . . . . .	237
Painéis quinhentistas de Santa Cruz da Graciosa . . . . .	271
III—AÇORES, ATÉ MAIS VER! . . . . .	311
Graciosa, aqui te deixo . . . . .	313
Do Pico para o Faial . . . . .	323
À varanda de bordo (S. Jorge) . . . . .	351
De Angra à Praia (Terceira) . . . . .	363
As Sete Cidades (São Miguel) . . . . .	375
O segrêdo de Santa Maria . . . . .	387